

SAMUEL BENCHIMOL

# O BACHAREL NO BRASIL

ASPÉCTOS DE SUA INFLUÊNCIA NA  
NOSSA HISTÓRIA SOCIAL  
E POLÍTICA.

1946  
MANAUS — AMAZONAS



# FACULDADE DE DIREITO DO AMAZONAS

*Patrão:*

CLÓVIS BEVILACQUA

*Diretor:*

Prof. Dr. JOSÉ ALVES DE SOUZA BRASIL

*Paraninfo:*

Prof. MANOEL BARBUDA

*Homenagem Especial:*

Prof. Sócrates Bonfim

*Homenagem Póstuma:*

Prof. GOATAÇARA BARBUDA THURY

*Homenagens:*

Prof. AUGUSTO DE REZENDE ROCHA

Prof. ORMANDO SOBREIRA DE SAMPAIO

Prof. PAULO JOBIM

Prof. LÚCIO DE REZENDE



# TURMA "CLÓVIS BEVILACQUA"

BACHARÉIS DE 1945

AGNELO UCHÔA BITENCOURT

ARTUR CEZAR MEIRELES PUCÚ

CLÁUDIO RODRIGUES DO NASCIMENTO

OFIR DE CASTRO

OSVALDO DIAS SOBRAL

SAMUEL BENCHIMOL

SILVÉRIO JOSÉ NERY

WILSON ZUÂNI DE FIGUEIREDO

Discurso pronunciado como orador da  
turma na solenidade da colação de  
gráu, em 21 de dezembro de 1945.



## TRABALHOS DO AUTOR:

**Brasil** — Traços de uma evolução política. Têse ao concurso de Historia "José Bonifacio" — Manaus, 1941

**Roteiros da Amazonia:** Conferencia na Faculdade de Direito de Recife. Recife, 1941.

**O "Cearense" na Amazonia:** Inquerito antropogeografico sobre um tipo de imigrante. Têse premiada com medalha de prata pelo X Congresso Brasileiro de Geografia — Rio de Janeiro, 1944.

**O "Cearense" na Amazonia:** Inquerito antropogeografico sobre um tipo de imigrante. (desenvolvimento da têse primitiva) — Aprovada pelo Conselho Nacional de Imigração e Colonização — Rio de Janeiro, 1946.

**Aproveitamento das terras incultas e fixação do homem ao sólo** — Aspectos antropogeograficos da imigração e colonização no Brasil. (têse rotária) — Manaus, 1946.

**Vista Alegre & Beira-Mar:** Inquerito antropogeografico sobre a influencia rural e urbana da enchente e da vazante na Amazonia. (inédito).

## PROGRAMA DE PESQUIZAS FUTURAS:

**A Servical em Manaus:** Inquerito economico e social sobre a vida e a historia de um grupo de domesticas.

**A Prostituição em Manaus:** Inquerito sobre a vida sexual e economica de um grupo de mulheres.

**A Mendicancia em Manaus:** Inquerito economico sobre a vida e a origem de um grupo de mendigos.

**Portugueses, Sirios e Italianos em Manaus:** Inquerito antropogeografico sobre treis tipos de imigrantes.

**Os Judeus em Manaus:** Inquerito antropogeografico sobre um tipo de comunidade religiosa.

**O Mercado de Manaus:** Inquerito economico sobre a alimentação do povo.

**Pescadores & Poveiras:** Inquerito antropogeografico sobre a pesca em Manaus.

**Vendedores ambulantes:** Tipos economicos e aspectos humanos das ruas de Manaus.

**Manaus** — esboço antropogeografico e analise do funcionamento de um centro urbano.

**Vaticanos & Gaiolas:** Inquerito economico sobre os transportes tradicionais da Amazonia.

**Aviadores & Regatões:** Inquerito antropogeografico sobre dois tipos tradicionais do comercio e do transporte das cidades e dos rios da Amazonia.

**Careiro & Cambixe:** Um estudo de geografia pecuaria.

**O Ciclo do Pau-Rosa:** Inquerito antropogeografico sobre a economia e a industria dos pau-roseiros.

**O Ciclo do Jacaré:** Inquerito antropogeografico sobre a pesca, o comercio e a industria dos couros de jacaré na Amazonia.





Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dez. Stanisláu Afonso,  
Interventor Federal.

Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dez. André de Araújo,  
Presidente do Tribunal de Apelação.

Ex.<sup>mo</sup> Snr. Prof. Dr. José Alves de Souza Brasil,  
Diretor da Faculdade de Direito.

Demais Autoridades.

Senhores Professores.

Senhoras.

Senhores.

Meus colegas:

Acabamos de receber o grau de Bacharéis em Direito numa ocasião excepcional para o destino do Amazonas, para o destino do Brasil e das Américas.

Sômos a primeira turma de Bacharéis formados já no após-guerra, que viveram, que lutáram e que estudáram nêsse período de inquietação universal, folheando os livros e assistindo as aulas nas folgas da agitação das ruas, das memoráveis campanhas cívicas, dos comícios, da caserna, cumprindo os deveres militares para com a Pátria. Fômos em verdade uma turma de acadêmicos sem uma vida cômoda

de estudante cinzento, sem perturbação nem trabalho. Ao contrário de tudo isso, durante o nosso tempo, o nosso "bom tempo", fomos acadêmicos-aspirantes, acadêmicos-soldados, estudantes do meio da rua, voluntários de tôdas as campanhas patrióticas, dos comícios, voluntários da preparação psicológica do povo na frente interna, voluntários da caserna na preparação dos nossos soldados para as incertezas do futuro e para as lutas do front, preparando a massa para a luta das urnas, preparando nós mesmos, para as lutas de hoje, para as lutas de amanhã, para as lutas do presente e do futuro.

Sômos assim, uma turma de Bacharéis credenciada por um passado de luta - um passado que hoje por si só vale uma história - credenciada para as lutas de hoje também por um passado de estudos, de investigação e de leitura, construído debaixo destas arcadas e nas salas da aula dêste tradicional templo: a nossa querida Faculdade.

Bacharéis agora, acadêmicos até ha pouco, sômos assim representantes de uma geração que venceu a guerra e está ganhando a paz, geração forjada nos campos de batalha e no cimento da reconstrução, no aço das baionetas e nas fôlhas dos livros, na explosão das granadas e nas idéas de um mundo melhor, pela Democracia, pelo Direito e pela Paz.

Sômos também a primeira turma de Bacharéis formada já para assistir e tomar parte nesta vitoriosa campanha de Democracia e de eleições. Tivemos de fato, a rara felicidade, meus colegas, de sair desta Escola, para atuar num Brasil prestigiado pela justiça dos magistrados, prestigiado pela imponência da lei e pelos valôres eternos da ciência jurídica. As oportunidades, portanto, estão abertas para tôdos nós, e temos certeza de que saberemos aproveitá-las.  
Meus colegas:

Pertencemos, dagóra em diante, como Bacharéis, a uma classe ligada secularmente, através de gerações e

gerações de mãos, à vida pública do país. Herdeiros que somos dos bacharéis do passado, cabe-nos conservar e desenvolver essa influência já tradicional na história social e política do país. Precisamos portanto, conhecer esse influência, analisar os fundamentos e raízes desse prestígio. Dada a atualidade desse tema, nada mais justo do que, no dia de hoje, no dia de nossa formatura, estudarmos alguns aspectos da influência do Bacharel na história social e política do Brasil. Influência que se veiu notando desde os tempos do Brasil-Colônia, nos episódios do desbravamento e da conquista da terra, desde o tempo daquele legendário e quase-mítico Bacharel-de-Cananéa, contemporâneo de João Ramalho, e que se transmitiu com maior força à paisagem do Brasil-Império, sobretudo do segundo-Império, na fase do patriarcado rural e da mono-cultura da cana, do latifúndio das fazendas, através do senhor de engenho, do escravo e do mestiço, e finalmente no Brasil-República, no ciclo da decadência rural e agrária, do desprestígio daquelas figuras tradicionais da economia do Império, com a ascensão de novas classes e o aparecimento de novas condições de vida e de cultura.

A história dessa influência do Bacharel vincula-se remotamente aos anais da tradicional e vetusta Universidade de Coimbra. Coimbra constituiu de fato, para todas as colônias portuguesas dalem-mar, sobretudo para o Brasil, daquelas éras, a ponte espiritual entre a Europa e a América, entre o novo mundo inexplorado e rebelde e aquela civilização milenarmente formada naquela estrutura feudal e monárquica. A manutenção desse vínculo espiritual foi um dos pontos fortes da política dos reis portugueses e a maior garantia para a conservação da influência lusa no seu Império de ultra-mar. Ponto forte da influência européia, do sistema de vida e de cultura, dentro daquelas velhas formas que progressivamente foram se esboroando ao contacto do nosso mundo, onde estava se processando,

como num laboratório, uma nova civilização. Para que o Brasil se mantivesse pois ligado eternamente a Portugal havia necessidade da manutenção desse vínculo e desse eixo: Coimbra-Brasil. Monopolizando dessa forma a educação das nossas elites, Coimbra deformava à européia, os nossos mestiços e os filhos dos nossos colonos. Deformava no sentido regional e cultural da expressão, isto é, sem atender a necessidade de uma educação regional para a nossa gente, o que era impossível, mas que era e sempre foi preciso para a construção de uma nova forma de política, de cultura e de trabalho. Constituiu-se assim aquela célebre Universidade em uma réplica intelectual da velha civilização européia ao trabalho material dos colonos, desejosos de fundar uma colônia sem preconceitos nem orgulhos. Daí o interesse que Portugal sempre teve em não deixar fundar, durante a época da Colônia, uma Faculdade ou um curso superior onde os descendentes dos imigrantes, os filhos dos colonos e os mestiços, pudessem se bacharelizar sem sair do país. Somente depois de proclamada a Independência, já no tempo do Brasil-Império, foram creadas em 1827, em Olinda e S. Paulo, as duas primeiras Faculdades de Direito do Brasil. Ato esse que veio completar a nossa independência política com uma certa autonomia cultural de grande influência para o futuro do país.

O Bacharel, formado aqui, teve por fim uma oportunidade para se nacionalizar, para adquirir a cidadania cultural do país. O Bacharel, assim nacionalizado, libertava-se da influência daquelas Universidades européias em geral e de Coimbra em particular, influência que se refletia no gosto das idéas em voga naquêles países, na moda franceza e no estilo inglez, nas maneiras de Lisbôa, na gramática e no latim de Coimbra, que concorreram mais do que tudo para dar o cunho europeu e portuguez, cunho do regionalismo europeu-luso à nossa cultura. Um cunho portuguez que ainda hoje se nota através das querelas

gramaticais, nas lutas entre os filólogos indígenas sôbre a colocação dos pronomes, influência que se nota também nas polêmicas literárias e artísticas, nos estéreis debates sôbre a pureza da língua, “a magestade do idioma portuguez” contra as nossas expressões e regionalismos legítimos, contra a nossa tendência de criar, dentro da língua, novas fórmulas de expressão, com os nossos modismos e regionalismos. Influência que se nota também no exagêro do estudo do Latim, do martírio que submetem os nossos pobres alunos do Ginásio aos sete anos dessa disciplina. Influência essa que vai de encontro chocante com os nossos modos de vida e os meios de expressão da arte e da cultura popular, contra o desenvolvimento da nossa língua, contra as características próprias da nossa formação. Essa deformação que foi inicialmente operada em Coimbra e continuada depois por uma série de circunstâncias e fatores, foi a principal responsável pela separação que sempre se notou entre a nossa elite e o nosso povo; a primeira voltada para a literatura, a arte e a política dos outros países, com menosprêso pelas necessidades da nossa gente, sem recorrer às fecundas e inexploradas fontes do nosso meio, so recentemente abertas. Daí as soluções sem nexos para os problemas prementes de ordem política e econômica, soluções sem êxito e que concorrem ainda mais para deformar e torcer a nossa formação e o nosso caminho. Daí as reformas de educação que se fazem quase todo santo-dia, sem atender às necessidades e peculiaridades da nossa gente e da nossa cultura. Daí as reformas políticas sem uma prévia equação tomada no meio do povo. Influência toda essa que foi decisiva no Brasil-Colônia e no Brasil-Império e que se transmitiu à República, por intermédio dessa elite de pensadores, políticos e educadores sem raízes na terra, com amor mais ao latim, à literatura e à política de outros povos.

Os estudos regionais sôbre as condições de vida do nosso povo e a solução dos nossos maiores problemas

fôram dessa fórmula retardados e somente agora, com as últimas gerações mais esclarecidas, é que vêm sendo atacados, com um reflexo de novas influências que estão surgindo. Hoje homem culto não é apenas o homem que pode recitar Virgílio e Horácio, que tem de cór Camões inteiro, que conhece na exata a colocação dos pronomes e discute assuntos gramaticais. Homem culto também, além do que conhece tudo isso, é também aquêlê que se dedica ao estudo, investigação e interpretação dos nossos complexos de economia e de cultura, dos nossos problemas de raça e de sexo, de saúde, de alimentação e de técnica.

A grande força do Bacharel no Brasil tem sido motivada pelo fato de que o título de Bacharel nunca foi a bem dizer um diploma profissional, antes de cultura, antes uma carta que dá acesso a tôdas as funções públicas e administrativas, que dá pronto ingresso aos debates políticos, econômicos e diplomáticos. A carreira de Bacharel não é somente a carreira do jurista emérito, do magistrado conciente, do advogado honesto. O bacharel-jurista, o bacharel-magistrado, o bacharel-advogado representam apenas um lado profissional da vida do Bacharel. Quem sai de uma Faculdade de Direito não tem profissão nenhuma determinada. Tem um título que lhe dará acesso a uma porção de carreiras ao passo que aquêlê que sai de uma Faculdade de Medicina, de Engenharia ou de Odontologia é um homem amarrado a uma técnica profissional. Por isso é muito raro ver um médico, um dentista ou um químico fóra de sua profissão, exercendo outros misteres diferentes daquêles que aprendeu na sua Faculdade.

Compreende-se assim perfeitamente que as esfêras de ação do Bacharel são inúmeras e em todas elas forçosamente a sua influência será um fato. Daí a sua grande força e o seu enorme prestígio em tôdas as camadas e em todos os círculos onde dedica a sua atividade. Ao lado do bacharel-jurista, do bacharel-magistrado, do

bacharel-advogado está também o outro seu irmão de Faculdade, o bacharel-político e o bacharel-poeta, o bacharel-funcionário público e o bacharel-jornalista, o bacharel-filósofo e o bacharel-romancista, o bacharel-comerciante e o bacharel-industrial, levando para as Assembléias Legislativas e para a poesia, para a repartição pública e para a imprensa, para a especulação filosófica e para a literatura, para o comércio e para a indústria, a semente das nossas Faculdades de Direito, das nossas Universidades. Levando para a vida prática o ambiente de luta e de trabalho das nossas escolas, a lembrança das memoráveis campanhas cívicas, das estudantadas; dos professores e dos livros.

Daí essa participação ativa dos nossos bacharéis na vida do país, em quase todos os seus círculos políticos, econômicos e administrativos, participação também nos movimentos históricos da nacionalidade, movimentos que ainda agóra acabamos de assistir como uma prova real do valor e da influência do Bacharel.

Se de um lado essa influência tem sido grandemente vantajosa e salutar para o país, de outro lado, em virtude de uma formação errada e de uma educação desorientada, em parte êles têm sido responsáveis por uma porção de êrros que se pôdem apontar e analisar. O mais recente dêles, ainda ha pouco, foi a exclusão nos cursos secundários, de um estudo indispensável como o de Sociologia, exclusão feita em benefício de mais 3 anos, além dos 4, do célebre estudo do Latim, um verdadeiro golpe de morte dado por um político e Bacharel-Ministro malvado, contra a educação da nossa mocidade, agóra escrava da declinação e do verbo. Nós que ainda recebemos o honroso título de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, conforme o texto do nosso diploma, não teremos mais uma formação sociológica para amparar e fortalecer a nossa formação jurídica. Prova de que, ainda hoje, existe um propósito de tirar da mocidade

que estuda uma oportunidade de aprender a encarar as soluções dos nossos problemas sociais com os modernos recursos da técnica de investigação, da pesquisa, do inquérito sociológico e dos modernos métodos de interpretação das ciências sociais.

Máu grado, no entanto, todos êsses atentados que temos sido vítimas e os defeitos de nossa formação universitária, os Bachareis têm conseguido, a maioria por esforço próprio, penetrar e alcançar os prementes problemas da nossa civilização. Esta minoria, no entanto, teve que fugir aos métodos clássicos e às influências nem sempre saudáveis que atuam na política da educação. De qualquer forma os Bachareis têm participado, num ou outro aspecto, neste ou naquele setor, têm participado sempre de todos os movimentos revolucionários ou pacíficos da nossa história. Na Inconfidência Mineira, na Independência, na Campanha da Maioridade e da Libertação dos Escravos, na Proclamação da República. Movimentos êsses que somente agora estão sendo bem compreendidos e interpretados à luz dos novos recursos. Em todos êles destaca-se a figura inconfundível e indispensável do Bacharel, como agitador, como líder, como professor, como político, feito chefe-de-idéas, como chefe-de-escola.

Com a criação das duas primeiras escolas de Direito em Olinda e S. Paulo, todos tiveram uma oportunidade para se bacharelisarem dentro do país. Essas escolas criaram assim uma chance de classificação social e cultural para o povo em geral e para os estudantes em particular. Nêsse e noutros pontos, as nossas Escolas de Direito agiram como uma escola de legítima Democracia social e cultural, oferecendo possibilidades de ascensão sem levar em conta a condição social, a côr ou a riqueza do individuo. Ascensão francamente vertical, de baixo para cima, de plena e intensa mobilidade social para todos aquêles que na ausência de condições de família e de tradições favoráveis, que sempre



possibilitaram em toda parte, um acesso imediato a todas as posições, procurassem uma classificação social e economica e uma oportunidade inédita e desconhecida em outras sociedades. Oportunidade que de agora em diante era oferecida a todos os brasileiros de subirem no conceito da sociedade local, de melhorarem o seu "status", através da aquisição do anel de doutor e do diploma de bacharel, verdadeiro título de nobreza intelectual para todo aquê que desejasse aumentar o seu prestígio, se já o tivesse ou em caso negativo, anular pelo menos os preconceitos de raça e de família, para namorar as filhas disputadas dos senhores de engenho ou ocupar um lugar público. Escolas de democracia portanto, sem dúvida alguma, fôram todas as nossas Faculdades de Direito, e êsse fato bastaria para consagrar a admiração de todos nós pela missão histórica e política das nossas Escolas. Phaelante da Câmara na sua "Memória histórica da Faculdade de Direito de Recife", publicada em 1903, assinala que o "predomínio intelectual dêsse centro conseguiu humanizar os costumes, estabelecer a corrente de simpatia e a permuta civilizadora das idéas; o próprio caráter pernambucano modificou-se profundamente, diz êle. Os filhos de famílias poderosas que viviam em luta acesa, os de sangue azul e os plebeus, os descendentes da fidalguia do Cabo e os representantes dos antigos Mascates, daqui saiam harmonizados, levando à casa paterna a notícia de que o código dos direitos individuais é igual para tôdos".

A posse do título de Bacharel, portanto, dêsse cêdo, constituiu-se numa insígnia e num brasão que substituiu perfeitamente os títulos de nobreza de sangue azul. Insígnia e brasão que todos faziam questão de mostrar pelo anel do doutor, um rubí oriental rodeado de um chuveiro de brilhantes, que constituiu durante tantos anos, no tempo da monarquia, a grande aspiração e foi causa de muito suspiro de tantas moças românticas e casadouras dos engenhos de assucar, das filhas dos burguezes moradores dos sobrados

e sobradões de estilo colonial do Recife e da Bahia. Anel de doutor que muitos Bacharéis traziam ostensivamente no dedo indicador, que bem mostrava o orgulho de uma classe, prova de prestígio e de cultura e sobretudo prova de um título de nobreza intelectual.

Com o fulgor e o brilho dos títulos doutorais nessa época, cada vez mais acentuou-se a paixão do brasileiro pelo diploma de Bacharel, o mais acessível de todos êles. Fôram criadas assim Faculdades de Direito em quase todas as sédes da Província, causando desta maneira, com a emissão exagerada de diplomas, uma verdadeira inflação de bacharéis. Inflação de bacharéis, se assim me permitirem expressar, que em muitos casos, mais tarde, viria ser responsável pelo desprestígio da classe. Mas enquanto isso não se deu, e que tão cedo ainda não se dirá, as nossas Faculdades continuáram lançando anualmente numerosas turmas de bacharéis que estávam naturalmente talhados para líderes e dirigentes da política, da administração e da economia do país em todos os setores. Mau grado tudo isso nunca faltáram logares para êles; por isso é comum se ouvir dizer que “o bacharel não se perde”, pois sempre para êle haverá uma oportunidade. A política, a literatura, a poesia, a oratória, o jornalismo sempre consumiram maior número de bacharéis que mesmo a advocacia ou a magistratura. O bacharel-magistrado ou o bacharel-advogado precisa sempre de uma sólida formação jurídica que as Faculdades praticamente não davam. Além do mais o ambiente das nossas Escolas era mais favorável à poesia, à literatura e à imprensa pela maior facilidade que estas ofereciam para os seus talentos mais em acôrdo com o temperamento e o estilo da época. Estávamos vivendo no período do romantismo, movimento que partiu na maior parte de poetas-bacharéis ou de acadêmicos das nossas Faculdades. Era justo e humano, portanto, que as moças preferissem um poeta romântico e sentimental que um juiz sereno e sizudo. Era

da época ser doente, padecer de amôr, recitar versos, fazer serenatas e por fim morrer aos vinte e poucos anos. O padre Gama, transcrito por Gilberto Freire, se alarmava com os acadêmicos do seu tempo que aos dezeseis anos já tinham suissas e faziam mêdo de tão pálidos e doentes que eram. As próprias moças do outro lado, acompanhando a moda romântica, diz o mesmo autor, viviam “sustentando-se de caldos de pintainho e papinhas de sagú”

Nêsse movimento romântico acadêmicos e bacharéis pagáram a sua quota de sacrificio. Romantismo que teve por êsse e outros aspéctos o seu ponto de apoio mais forte e mais entusiasta entre as mocidades das Faculdades de Direito de Recife e S. Paulo, as mais tradicionais da época, cujos nomes ganháram fama em todo o Brasil e eram ardentemente desejadas por todos os outros pobres estudantes das outras províncias. Mocidade que preferia morrer aos vinte e um e vinte e dois anos do que morrer velho, como burguezes cansados, como “fazendeiros ricos, vigários gordos e negros de engenho”, na expressão pitoresca do mesmo autor. Assim é que fôram vítimas dêsse movimento romântico, Álvares de Azevedo, Casemiro de Abreu Junqueira Freire e tantos outros acadêmicos de Direito, que morreram muito cêdo, alguns dêles, sem chegar a ser bacharéis, cujos versos ainda hoje, impregnados, de um suave e doce sentimentalismo, ainda andam na bôca de todos nós e de nossas namoradas.

Afirmamos de início que o diploma de bacharel servia de brasão e título de nobreza intelectual para todo aquêle que desejasse se classificar se não economicamente, pelo menos cultural e socialmente. Essa oportunidade de ascensão vertical constituiu uma verdadeira promoção de classe e de “status” para uns e para outros. Os filhos dos senhores de engenhos classificados economicamente pela fortuna dos seus latifúndios, aspirávam uma posição política e uma função pública que os destacasse socialmente aos

olhos de todos. Para as famílias pobres o título de bacharel era a grande esperança para o seu filho sem recurso. Para as famílias sem tradição, sem sangue azul, um brasão que serviria para dar posição aos seus membros por intermédio do filho doutor formado em Recife e S. Paulo. Para o mestiço, vítima do preconceito de classe, não disse de raça, o título de bacharel era uma válvula aberta para desabafar os seus complexos, anular os prejuízos de côr e vencer as barreiras sociais que a sociedade lhe cercava. Foi o mulato, mais do que todos, que aproveitou essa oportunidade inédita e original na nossa história. Em outros países como nos Estados Unidos o negro teve que fundar a sua Universidade se quizesse se doutorar. Entre nós, pela ausência desse preconceito estabeleceu-se uma corrente de simpatia e de compreensão, entre os classificados socialmente e os que aspiravam uma posição social que o título fatalmente lhe daria. Os mestiços tiveram dessa fórmula os seus complexos de inferioridade sublimados psicológica e culturalmente, através de uma projeção intelectual enorme entre os seus colegas, fazendo-se líderes intelectuais dos movimentos políticos e filosóficos. Tobias Barreto, o mestiço de gênio, criou uma pleiade de discípulos, em derredor da sua escola de filosofia e de cultura, "A Escola do Recife", escola cuja influência ainda hoje se nota em muitos círculos intelectuais do país. Gonçalves Dias, o genial poeta, foi a vida inteira um desadaptado tristonho que encontrou no título de doutor e na fama de poeta, diz Gilberto, uma oportunidade de ser admirado e querido por todos. José do Patrocínio venceu os preconceitos e anulou os seus complexos através da oratória, do jornalismo e das campanhas cívicas de libertação do escravo. Machado de Assis através do romance. Oratória, jornalismo e campanhas cívicas alimentadas umas, desenvolvidas outras, no fulgor dos seus dias de academico ou definitivamente amadurecidas e lançadas no tempo de bacharel. Rebouças, engenheiro, da mesma fórmula vence e

conquista a sociedade e a princesa Izabel. Aluísio de Azevedo no seu romance "O mulato" conta a história de um bacharel mestiço, educado na Europa, que conseguiu que uma moça de família tradicional se apaixonasse por êle. O título de bacharel era mais forte do que a côr. O anel de doutor mais importante que o preconceito. Essa foi uma das principais funções democratisadoras das nossas Faculdades de Direito. Mais um aspécto da influência do bacharel na formação de uma sociedade sem preconceitos de raça ou de côr, dando oportunidade a todos para que, de acôrdo com as suas possibilidades e os seus recursos intellectuais subissem e conquistássem os cargos mais elevados e as posições-chaves da administração pública. Sôbre êste último aspécto vale a observação de Sérgio Buarque de Holanda: "Uma carta de bacharel vale tanto como uma carta de recomendação das pretensões aos altos cargos públicos". Liberta o indivíduo "da caça aos bens materiais e assegura-lhe na vida uma discreta compostura". Observação que ainda hoje vale mesmo quando o prestígio do bacharel já está algo comprometido ou antes já está perdendo aquêle fulgor excepcional da segunda metade do século passado, com a ascensão das novas classes profissionais cujo prestígio e cuja importância últimamente têm aumentado consideravelmente. Classes novas cuja fôrça ainda ha bem pouco tempo eram desconhecidas na nossa vida política, como as classes conservadoras, industriais e comerciais, cujo prestígio vem sendo notado através das Associações Comerciais, dos Congressos e Cartas econômicas de profunda significação para o destino do país e da sua administração. Classes novas como a dos engenheiros e técnicos, de pesquisadores e geógrafos, de sociólogos e economistas, que estão fadadas a se transformárem em verdadeiras profissões auxiliares da administração pública. Estas novas correntes não serão dêse logo, no entanto, suficientemente fortes para derrubar a influência e o prestígio tradicional do

bacharel no Brasil.

A fôrça do Bacharel que vinha dêse longos anos aumentando consideravelmente em quase todas as esfêras sociais e círculos políticos da nação, teve a sua mais alta expansão no segundo Império. Essa fôrça e êsse préstígio concorreram grandemente, diz Gilberto Freire, para avivar, nas cidades, um intelectualismo revolucionário que agiria contra a civilização agrária e escravocrata.

De fato os filhos dos senhores de engenho, representantes dessa civilização profundamente rural e agrícola, sustentáculos do Império, com alicerces e raízes econômicas no braço do escravo, no massapê da cana, na Casa-Grande e na Senzala, os filhos dos senhores de engenhos desenraizados do seu meio, desenraizados pela cultura acadêmica, os filhos dos senhores de engenhos bacharelizados contribuíram para a decadência dessa civilização do assucar, dos engenhos e fazendas de Pernambuco e da Bahia, centros da cultura tradicional do Império. A desintegração do latifúndio da cana principiou-se quando o intelectualismo revolucionário ficou em moda, quando os bacharéis filhos dos senhores de engenho abandonáram as suas fazendas atraídos quase todos pelos centros urbanos do Recife, Salvador, São Paulo e Rio, bacharéis “que já não tomávam a benção dos velhos, porque tal usança cheirava a tempos góticos”. Novos hábitos fôram assim adquiridos nêsses centros de cultura jurídica. Raros eram aquêles que voltávam depois de formados para as fazendas e engenhos dos seus pais. Deixávam-se ficar na Côrte, ocupando algum cargo público, onde vantajosas oportunidades lhes eram oferecidas. Quando voltávam aos engenhos não estavam mais em condições de continuar a tradição escravocrata, latifundiária e patriarcal dessa civilização. Um exemplo frisante e poético temos na formação do Bacharel Joaquim Nabuco, ao descrever “Massangana” depois de tantos anos de ausência. Os hábitos

românticos, o amor à literatura e ao conforto das cidades, o intelectualismo revolucionário, anti-escravocrata, as campanhas cívicas pela libertação do negro impediam que o bacharel nascido na Casa Grande se apresentasse como herdeiro e continuador dessa civilização tradicional. Por outro lado o bacharel nascido na Senzala chamava a si a defesa dos escravos, dos seus antepassados, por um impulso de solidariedade social incoercível. Assim Bacharéis da Casa Grande e Bacharéis da Senzala, João Alfredo e José do Patrocínio, concorreram para a decadência desse ciclo histórico e tradicional. Esta é a opinião quase-unânime de todos os que têm estudado essa civilização. Luiz Martins assinala e explica a decadência de “inúmeras famílias que perderam toda a sua antiga grandeza, toda aquela sua tradição, quando passaram para as mãos inexperientes dos bacharéis românticos e liberais”. A idade patriarcal entra em declínio portanto quando se deu a ascensão definitiva do bacharel revolucionário e romântico, recrutado entre os melhores engenhos, entre as mais ricas e talentosas famílias. Bacharéis que eram assim arrancados de um mundo tradicional, que não paderia sobreviver sem a continuação desse patrimônio, e jogados nas cidades, onde se deixavam ficar, enfeitando as Côrtes, sem ouvir o apêlo dos seus antepassados enriquecidos no latifúndio, no negro e no assucar. A decadência, o declínio e o desprestígio dessa civilização patriarcal acentuou-se ainda mais com a campanha da libertação do escravo, promovida quase toda ela por Bacharéis da Casa Grande ao lado de Bachareis da Senzala, por acadêmicos de Direito das Faculdades de Recife e São Paulo. A influência do bacharel nessa campanha foi decisiva e vitoriosa. Pela imprensa e pela tribuna, pela poesia e pelos comícios, apareceram todos os tipos de bacharéis feito líderes do movimento libertador. Um bacharel-jornalista: José do Patrocínio; um bacharel-poeta: Castro Alves; um bacharel-ministro: João Alfredo; um

bacharel-parlamentar: José Bonifácio; um bacharel-diplomata: Joaquim Nabuco; quase todos filhos de importantes famílias tradicionais ligadas à idade patriarcal e agrária, todos eles bacharéis, que fôram levados pelo seu intelectualismo revolucionário a trabalhar contra os interesses dos seus antepassados, dos seus pais e avós, contra uma civilização construída com tanto trabalho sôbre bases que não podiam mais subsistir.

A libertação dos escravos, a queda da monarquia e posteriormente o surto da República, como bem assinala Donald Pierson, profundo conhecedor da nossa história social com referência ao mestiço, marcáram um rompimento definitivo com a aristocracia rural e aceleráram a ascensão de uma nova classe que já se vinha firmando dêsde longa data: a dos bacharéis e doutores.

Ascensão de bacharéis e doutores que já se vinha notando com tendência a aumentar dêsde o primeiro império e que se expandiu na reinado de D. Pedro II e que por fim tomou conta da República. Desertores de uma aristocracia rural, acentúa o sociólogo de Sobrados & Mocambos, "cujos gêneros de vida, cujo estilo de política, cuja moral já não se conciliávam com os seus gostos e estilos, os bacharéis, médicos e doutores europeizados, afrancesados e urbanizados" conquistáram as posições-chaves da administração pública e da política do país. O velho Moraes reclamava, já no seu tempo, que as "creanças saídas das Escolas de Direito estavam galgando todas as posições". A infiltração do Bacharel-moço foi feita com o consentimento do próprio Imperador. A verdade era que os postos mais destacados e as funções de maiores responsabilidades e influência na administração do Império fôram confiados quase todos aos bacharéis-novos saídos do Recife e de S. Paulo, havendo como consequência disso a repentina valorização do moço de vinte anos bacharelizado por essas escolas. Valorização súbita que um estudioso da nossa história regional, observou



pelo fato de irem aparecendo na Câmara, na Presidência das Províncias, nos Ministérios, bacharéis de vinte e poucos anos, quando antes êstes cargos só eram de acesso aos velhos conselheiros e bacharéis encanecidos. Diz êle: “Aos trinta anos, Carneiro Leão, depois Marquez de Paraná, já estava Ministro da Justiça; aos trinta e um anos, Manoel Francisco Corrêa, governador de Pernambuco; João Alfredo, aos trinta e cinco, já era Ministro do Império; Afonso Celso, futuro Visconde de Ouro Preto, Ministro da Marinha aos vinte e sete”. Era sem dúvida o apogeu do bacharel, do bacharel-novo e rebelde, investido nas funções mais importantes da vida do país. Funções políticas e administrativas que mesmo com a queda da Monarquia, continuáram a ser entregues a Bacharéis, no tempo da República, onde a sua influência, do mesmo modo tem sido profunda e decisiva, a ponto de um escritor, com ironia, ter definido o Brasil como o paraíso e a república dos Bacharéis...

De fato basta um rápido relance pelas figuras mais importantes da nossa história para reconhecermos essa influência. Nas Assembléias e Câmaras Legislativas, na Política e na Administração, nos tratados e nas convenções internacionais, na literatura e na filosofia, na tribuna e no jornalismo, na poesia e no romance houve sempre um bacharel proeminente. Um bacharel-parlamentar: Antônio Carlos; um bacharel-jurista: Clóvis Bevilacqua, o nosso querido patrono; um bacharel-diplomata: Barão do Rio Branco; um bacharel-ministro: Joaquim Nabuco; um bacharel-poeta: Castro Alves; um bacharel-filósofo: Tobias Barreto; um bacharel-crítico: Sílvio Romero; um bacharel-romancista: Machado de Assis; um bacharel de gênio: Rui Barbosa, glória nossa, glória de todos os bacharéis do Brasil.

O Bacharel portanto atravessou todas essas fases da nossa história com uma influência decisiva e profunda na

nossa paisagem social e política. Na República, da mesma forma, Bacharéis foram quase todos os Presidentes. Bacharéis quase todos os Ministros. Até os Ministérios da Marinha, da Guerra e da Aeronáutica já têm sido entregues a Bacharéis. Bacharéis os deputados e senadores, Bacharéis os governadores dos Estados e seus auxiliares. Em cada Estado uma Faculdade de Direito zelando por essa tradição, alimentando essa influência, formando gerações novas de Bacharéis que se destinam sempre aos postos de comando da administração. Interessante é notar que com toda essa inflação de Bacharéis, se assim poderei dizer, com todo esse inflacionismo de doutores, não chegou a desvalorizar o nosso título nem derrubar o nosso prestígio. Se esse fato se desse em qualquer outra Faculdade como de Medicina, Engenharia ou Odontologia, por exemplo, ha muito as profissões dos médicos, engenheiros e dentistas estariam completamente desvalorizadas.

É forçoso no entanto que se confesse que se o futuro do Bacharel no Brasil não está comprometido, como alguns pessimistas e desiludidos da vida querem crer, é forçoso reconhecer, por outro lado, que com o advento das novas escolas técnicas e profissionais estas virão arrancar das nossas Faculdades um pouco da sua influência. Em muitos Estados do Brasil isso ainda não se deu porque somente as Faculdades de Direito monopolizam o ensino superior. Nos grandes centros universitários, no entanto, a força e o prestígio dos acadêmicos de Direito se repartem com os estudantes de engenharia, medicina e das outras escolas. Na maioria dos Estados a única oportunidade do estudante secundário continuar os seus estudos avançados será o ingresso na Faculdade de Direito. Daí muito moço sem vocação, sem amor à carreira de Bacharel, sem gosto pelo Direito, verdadeiros desadaptados, serem forçados a ingressar em nossas Faculdades mesmo contra as suas vontades e inclinações. Por isso ainda hoje o curso de bacharelado

fornecido pelas nossas Faculdades, é o caminho mais indicado para todo aquêlê que tenha uma inclinação pela literatura, pela arte, pela poesia, pela sociologia, pela política, ou pela economia. As nossas Faculdades são assim além de um centro de cultura jurídica um centro de verdadeiro humanismo. A criação das Faculdades de Ciências Econômicas, das Escolas Técnicas de Comércio, das Faculdades de Ciências Políticas, dos Cursos de Administração e Finanças, das Escolas de Sociologia em muitos pontos do país irão absorver das nossas Faculdades de Direito todas essas vocações desgarradas, adaptando êsses estudantes na sua legítima inclinação. Quando todas essas escolas fôrem criadas e largamente difundidas em todo o país, aí então, o título de bacharel perderá muito da sua influência e do seu prestígio. As esfêras de sua ação e o círculo de seu pretígio ficarão consideravelmente diminuídos. Essa possibilidade, no entanto, é muito remota, ainda para nós, de vez que a não ser por diletantismo, raro é aquêlê que se aventura a cursar uma dessas escolas, pois ainda é e será muito difícil, entre nós, fazer, por exemplo, uma profissão da política, da sociologia, da economia, da administração. O preconceito da nossa sociedade ainda é muito grande nêsse aspécto e todo mundo acha que tudo isso deve fazer parte da cultura do bacharel sabe-tudo. O pai de Gilberto Freire nunca pôde compreender como seu filho depois de tantos anos de estudo nos Estados Unidos, ter voltado com um título extravagante de "graduado em ciências sociais" pela Universidade de Columbia em vez do pomposo título de Bacharel em Direito. Entre nós aquêlê que fizer da política uma profissão será fatalmente chamado, pela oratória dos comícios, de politiqueiro profissional... Por todos êsses fatores e muitos outros o império do Bacharel no Brasil será grande por muito tempo ainda. E não será, colegas meus, no nosso tempo, nem talvez no tempo dos nossos filhos, que nós veremos o desprestígio da classe

que agóra ingressamos, com muita honra e entusiasmo. Não será no nosso tempo, nem no tempo dos nossos filhos, sobretudo, se nós nos compenetrarmos da nossa missão, estudando com carinho os nossos problemas, dedicando-nos profundamente às diferentes carreiras que o título de bacharel nos vai abrir, praticando sempre, como juizes, advogados, magistrados, professores ou políticos, aquêles preceitos eternos do Direito e da Justiça.

**AGNELO - PUCÚ - SILVÉRIO - ZUANY - OFIR - CLÁUDIO e SOBRAL:**

A nossa turma, a trigésima que sai desta nossa muito querida Faculdade, tem uma história. A história da nossa turma está toda ela dentro de cada um de nós, do nosso passado, das nossas lutas, das nossas conquistas. É uma história que ficará gravada para sempre na nossa memória e nunca se apagará enquanto um de nós viver. Principiámos nos primeiros bancos das nossas escolas, com as nossas primeiras aulas das nossas professoras, aulas que continuaram durante êstes longos dezesete anos. Quase duas décadas de estudo e de trabalho. Uma mocidade inteira dedicada ao nosso aperfeiçoamento intelectual, aprendendo com os nossos mestres e os nossos livros, numa atividade que nunca cessou durante êste longo tirocínio. Uma turma pois quando se fórma trás consigo uma tradição de lutas, de trabalho, de esforço que não foi só nosso. Foi também o esforço dos nossos pais e das nossas mães, das nossas professoras e dos nossos mestres em diferentes fases da nossa vida. A êles, portanto, no dia da nossa grande alegria, e muitos dêles não estarão aquí para comemorar conosco esta vitória, nada mais justo do que um preito de gratidão e reconhecimento. Sempre fômos uma turma pequena e talvez por isso muito unida. Dentro dela sempre houve, ligando todos nós, um poderoso vínculo fraterno de

solidariedade e confiança, de camaradagem e alegria, e no entanto ha dez ou quinze anos atrás nós não nos conhecíamos. O destino nos ligou para sempre. Daquí para frente onde quer que estejamos, uns nos lembraremos dos outros nêste dia 21. Nos lembraremos também dos nossos colegas que morreram, dos nossos colegas que desertaram e que também daquêles que por falta de recursos não pudéram continuar seus estudos, dos que pelas surprêsas da vida não pudéram realizar os seus sonhos de menino ou de rapaz. Nós estamos também aquí para representá-los.

Dagóra por diante recordaremos sempre para toda a nossa vida, com emoção, êsses dias felizes que vivemos aquí, nos lembraremos da camaradagem dos nossos colegas que ficam, das nossas festas, das nossas brincadeiras, das nossas estudantadas e do nosso tempo de calouros. Agóra que já terminamos o curso o tempo parece que passou depressa. Parece ôntem, mas já são decorridos cinco anos quando olhamos para esta escola com mêdo e respeito. Aquí morávam os nossos sonhos. Quando subimos estas escadas, pela primeira vez, como acadêmicos, foi para ganhar a batismo dos veteranos. Depois éramos nós que batisávamos. Agora sômos nós que iremos descer estas escadas com saudade. Assistimos esta mesma solenidade, durante anos seguidos, nas turmas que nos precederam. E como nós achávamos aborrecidos e infindáveis o discurso do orador da turma! Juramos que o nosso discurso, como orador da turma, homenágem dos meus colegas que muito me desvanece, deveria ser breve. Infelizmente quando chegou a hora fivemos que quebrar o juramento. Vocês me perdoarão, meus colegas.

Para paraninfo elegemos o nosso professor de Direito Penal, dr. Manoel Barbuda até ha pouco tempo Diretor da nossa Faculdade, num período de incertezas e intranquilidades para todos nós e para a vida da nossa Escola. Durante êste período, por diversas vezes, esta casa esteve ameaçada

de fechamento e em todos os momentos, como Diretor, bateu-se pelos nossos direitos e pela vida da nossa Escola. Como professor, ainda recordamos as sua eruditas preleções; como paraninfo, eleito num ato de justiça, muito nos honra tê-lo em nosso quadro e ao nosso lado, pois sempre esteve conosco.

Antes mesmo de ser nomeado para diretor desta Escola, o professor catedrático, Dr. José Alves de Souza Brasil, já era nosso homenageado especial. Em toda a Faculdade de Direito onde existe uma tradição a zelar, ha sempre um professor que encarna o seu passado e o seu presente, que representa a história, a tradição e a vida da própria escola. Mestre Souza, como nós o chamamos na nossa intimidade acadêmica, está nêsse caso. Êle teve a suprema felicidade de atravessar todas as fases da vida atormentada da nossa Faculdade com uma confiança inabalável no seu futuro. Foi sempre um idealista. Professor desta Casa, durante mais de trinta anos, com uma assiduidade absoluta, muitas vezes ensinou de graça, por amôr à Escola, esquecendo vantágens materiais para se dedicar inteiramente ao ensino da nossa mocidade. Façamos justiça a êle assim como o Snr. Desembargador Interventor Federal já o fez nomeando para Diretor da nossa Escola. Esta Faculdade foi sempre para êle o seu sonho dourado, o seu sonho de moço e de velho. Nunca vacilou. Nunca recuou quando estava em jogo o nosso futuro. Ha pouco tempo ainda, quando todos já tinham perdido as esperanças de realizárem os concursos para catedrático, Mestre Souza conseguiu realizá-los.

Portanto o ato do Snr. Desembargador Stanisláu Afonso, nomeando-o para o cargo de Diretor da nossa Faculdade foi um prêmio ao seu trabalho e um ato de justiça que se presta já na sua velhice de lutador. Cabe aos que ficam prestigiá-lo para que êle possa realizar os seus objetivos.

Homenageamos também o professor Sócrates Bonfim, erudito e fidalgo, jurista e professor emérito; homenageamos o professor Augusto Rocha, que durante os bons tempos do curso pre-jurídico e no primeiro ano da Faculdade, como professor de Economia Política, nos catequizou, com as suas memoráveis aulas, para o estudo e a investigação. São nossos homenageados também o doutor Ormando Sobreira de Sampaio, professor de Direito Judiciário Civil, o doutor Paulo Jobim, professor de Direito Comercial e doutor Lúcio Rezende, professor de Direito Civil.

Como homenagem póstuma, recordamos o nome do nosso saudoso professor Goataçara Barbuda Thury, cuja morte foi uma lamentável perda para a vida desta Escola.

Aos outros professores desejamos expressar a nossa gratidão pela maneira como fomos tratados e aos colegas que ficam o nosso abraço de despedida e a nossa saudade.

Meus colegas:

**AGNELO - PUCÚ - SILVÉRIO - ZUANY - OFIR - CLÁUDIO e SOBRAL:**

Hoje, chegamos ao fim da nossa jornada acadêmica. Desta hora em diante, cada um de nós, tomará um rumo na vida. Chegou o momento pelo qual tanto aspirávamos. Agora vamos nos separar, mas ficaremos unidos, para sempre, nesta pequena turma de oito Bacharéis, a menor destes últimos dez anos, a trigésima que sai desta Escola, agora com um nome e um patrimônio a zelar, o nome e a eterna inspiração do nosso mestre e do nosso patrono: **CLÓVIS BEVILACQUA.**







## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA